

## O LUGAR COMO ARTE DO VIVIDO: CORTE E COLAGEM COMO ESTRATÉGIA DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

*Place as the art of living: cutting and pasting as a participatory planning strategy*

*El lugar como arte de vivir: cortar y pegar como estrategia de planificación participativa*



**Emilly Domingos da SILVA** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7165-5352>  
URL: <http://lattes.cnpq.br/3721091825564331>  
EMAIL: [emillydomingos@gmail.com](mailto:emillydomingos@gmail.com)

**Deyvid Alcimar SOARES** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0002-8781-5861>  
URL: <http://lattes.cnpq.br/1037656850221150>  
EMAIL: [deyvidalcimar21@gmail.com](mailto:deyvidalcimar21@gmail.com)

### RESUMO

A participação cidadã no planejamento territorial tem se tornado cada vez mais importante para a construção de um lugar que atenda às necessidades específicas do vivente, dando voz àqueles que historicamente são silenciados e buscando sanar as problemáticas cotidianas do sujeito. Desse modo, temos como objetivo problematizar a importância da participação da cidadã nas discussões sobre planejamento territorial. Para isso metodologicamente, efetuamos a oficina “PENSANDO MEU LUGAR” na Escola Municipal Nossa Senhora das Dores visando adentrar nas nuances de participação cidadã, tendo como recorte o vivido territorial no bairro Nordeste, na Zona Administrativa Oeste de Natal. Nesse sentido, jovens entre 10 e 12 anos expressaram sua cotidianidade e vivências em seu lugar, desde problemáticas até perspectivas para um futuro que nos conta sobre o território e suas necessidades específicas no âmbito coletivo e individual.

**Palavras-chave:** Participação cidadã; Território; Corte e colagem.

### ABSTRACT

Citizen participation in territorial planning is becoming increasingly important in order to build a place that meets the specific needs of the living, giving a voice to those who have historically been silenced, and seeking to solve their daily problems. To this end, our aim is to problematize the importance of citizen participation in discussions about territorial planning. Methodologically, we carried out the workshop “PENSANDO MEU LUGAR” (THINKING ABOUT MY PLACE) at the Nossa Senhora das Dores Municipal School, with the aim of delving into the nuances of citizen participation, focusing on the territorial experience of the Nordeste district, in the West Administrative Zone of Natal. In this

<http://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/index>

sense, young people aged between 10 and 12 expressed their daily lives and experiences in their place, from problems to prospects for the future, telling us about the territory and their specific needs in the collective and individual spheres.

**Keywords:** Citizen participation; Territory; Cutting and pasting.

## RESUMEN

La participación ciudadana en la planificación territorial es cada vez más importante para construir un lugar que responda a las necesidades específicas de los que viven, dando voz a los que históricamente han sido silenciados y buscando remediar sus problemas cotidianos. Para ello, nuestro objetivo es problematizar la importancia de la participación ciudadana en los debates sobre planificación territorial. Metodológicamente, realizamos un taller titulado “PENSANDO MEU LUGAR” (PENSANDO EN MI LUGAR) en la Escuela Municipal Nossa Senhora das Dores, con el objetivo de profundizar en los matices de la participación ciudadana, centrándonos en la experiencia territorial del barrio Nordeste, en la Zona Administrativa Oeste de Natal. En este sentido, jóvenes de entre 10 y 12 años expresaron su vida cotidiana y las experiencias vividas en su lugar, desde los problemas hasta las perspectivas de futuro, hablándonos del territorio y de sus necesidades específicas en los ámbitos colectivo e individual.

**Palabras clave:** Participación ciudadana; Territorio; Cortar y pegar.

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar o planejamento territorial no Brasil é pensar a função que o Estado exerce sobre o território. De acordo com Souza (2004), o planejamento no Brasil tende a seguir as demandas verticais que recaem sobre o território, desconsiderando, em grande medida, as pessoas e as relações estabelecidas entre essas com seu lugar. Além disso, há um caráter conservador na forma de planejar, como se houvesse profissionais técnicos capazes de saber o que é melhor para determinado território e para os sujeitos sociais.

Essa forma de planejar o território, bem como as políticas públicas, se enquadram no que Lascoumes e Galés (2012) denominam de planejamento em *top down*, onde, por muitas vezes, os sujeitos sociais e seus lugares são tratados como meros receptáculos de ações. Essa prática tende, em demasia, a ser normalizada por considerável parcela da sociedade o que rompe, portanto, com a noção de cidadania plena, tendo em vista que não há participação efetiva dos sujeitos.

Assim, essas práticas que recaem sobre o território desconsideram por completo o cidadão, negando a ele o direito de escolha e de pensar seu território. É importante frisar que quando ocupado e usado por camadas mais abastadas da sociedade, empresas e/ou pelo próprio Estado, esse território tende a ser um verdadeiro trunfo no que concerne ao

seu uso enquanto recurso. Nessa lógica, podemos citar seu uso para fins extrativistas, imobiliários e turísticos.

É nesse contexto de decisões unilaterais, verticais e desiguais que se torna necessário pensar e discutir formas de desenvolver a participação cidadã. Essa que é definida por Alió (2013) como resultante de necessidades da população a respeito da vida pública, dos lugares e dos territórios. Logo, a participação cidadã é mais que dar voz aos sujeitos sociais, é buscar compreender sua realidade a partir daquilo que nos oferecem, tal prática é indissociável da própria investigação participativa.

Sendo assim, fomentamos como questão norteadora deste artigo, como a participação cidadã pode contribuir com a discussão a respeito do planejamento de um território? E, visando contemplar essa indagação, temos como objetivo: problematizar a importância da participação da cidadã nas discussões sobre planejamento territorial.

Em vista do objetivo estabelecido, se fez de fundamental relevância a execução de um projeto de extensão denominado de "PENSANDO O MEU LUGAR". Esse ocorreu na capital do estado brasileiro do Rio Grande do Norte, Natal, no bairro Nordeste. Essa ação ocorreu na Escola Municipal Nossa Senhora das Dores com alunos do quinto ano do ensino fundamental I. Ressalta-se que o material resultante, bem como as discussões foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Esse manuscrito se divide em quatro momentos, o primeiro com a presente introdução que delimita a problemática e objetivo da pesquisa. O segundo, é a metodologia, demonstrando o caminho efetuado para a fomentação de um projeto de planejamento participativo. O terceiro e o quarto são os resultados e discussões tendo como objetivo efetuar uma reflexão teórica e empírica sobre o planejamento participativo. Não visamos com isso esgotar essa temática, pelo contrário, colaborar com seu desenvolvimento.

## **2 METODOLOGIA**

Tendo em vista o planejamento e a execução de uma ação extensiva, esta metodologia será compartimentada em duas seções. Dessa forma, a primeira volta-se para a explicação do percurso percorrido até a execução deste artigo e a segunda tem como objetivo explicitar o processo de desenvolvimento do projeto participativo, assim como os materiais resultantes.

Podemos definir nosso manuscrito como sendo fundamentado em três eixos basilares, o primeiro voltado à pesquisa bibliográfica de natureza exploratória, o segundo

de produção cartográfica e o terceiro de levantamento de dados. Essa etapa pode ser compreendida a partir de dois momentos conforme demonstrado abaixo:

1. O primeiro momento justifica-se como sendo de observação não participante, onde os pesquisadores percorreram o bairro Nordeste tendo como objetivo a aquisição de dados primários como anotações de campo referentes a ofertas de serviços como escolas, postos de saúde, áreas recreativas etc.
2. O segundo momento é a própria atividade extensiva denominada de “PENSANDO MEU LUGAR”, cujo objetivo foi, por meio da participação cidadã e, por consequência, da investigação participativa, identificar e compreender parte dos problemas existentes e desejos para o futuro a partir da percepção de alunos do quinto ano do ensino fundamental I sobre seu lugar. Isso foi possível por meio de uma atividade de corte e colagem e posteriormente uma discussão sobre o material resultante.

Utilizamo-nos de uma metodologia participativa para compreender e analisar os problemas de estudo e voltamos para o que Soliz e Maldonado (2006) definem como sendo os três momentos fundamentais de uma investigação desse tipo, sendo eles a prática, a teoria e a prática propositiva.

**Quadro 01 – Etapas do trabalho participativo**

<b>Etapa do trabalho participativo</b>	<b>Descrição</b>
A prática	Trata-se de um diagnóstico da situação atual. Sendo assim, é o momento de conhecer parte das vivências, conhecimentos e experiências dos participantes.
A teoria	É a fundamentação teórica do que foi levantado no diagnóstico da etapa anterior. Essa teoria deve ocorrer a partir das práticas concretas e sentidas.
A prática propositiva	É a proposta para melhorar a situação atual que foi diagnosticada e teorizada.

**Fonte:** Soliz e Maldonado (2006).

No que se refere à produção cartográfica, mapeamos o bairro Nordeste em diversas frentes como a partir da oferta de serviços, área urbanizada e parte das características físico-ambientais. Isso foi possível graças à aquisição de dados primários adquiridos em campo, a utilização de *shapefiles* fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE) e o banco de dados de informações ambientais (BDIA) e seu devido tratamento e seleção que ocorreu por meio do *software* gratuito Qgis Desktop 3.22.5.

Diante do exposto, o projeto “PENSANDO MEU LUGAR”, foi aplicado no dia 09 de maio de 2024 às 14 horas, com duas turmas do 5º ano, que continham no total 23 alunos entre 10 e 12 anos. Além disso, os dois pesquisadores envolvidos contaram com o auxílio e a colaboração dos professores responsáveis por cada turma.

Metodologicamente utilizamos recortes e colagens como forma de viabilidades técnica e estética, como práticas que acionam reflexões sobre a realidade a qual o sujeito está inserido de modo dinâmico estimulando a imaginação do sujeito onde “por meio da arte como investigação viva” (Lombardi e Torres, 2023, p. 3).

Tal processo estimula a criação de uma imaginação que vai de encontro ao tangível, ao real e a materialidade cotidiana que é vivenciada e criada pelo sujeito como vetor ativo e passivo do processo de afetação do existir do/no lugar, vale ressaltar que as imagens soltas inicialmente não nos diziam nada, entretanto, após o processo de escolha e filtragem crivado de intencionalidade, esses recortes passam a nos contar uma história repleta de significação e afetações do sujeito para com seu lugar. Vale ressaltar, que o passo a passo dos procedimentos metodológicos são evidenciados no quadro 02.

**Quadro 02 – Metodologia de aplicação do projeto - “PENSANDO MEU LUGAR”**

PENSANDO MEU LUGAR				
Local	Data	Faixa etária	Quantidade	Materiais
Escola Municipal Nossa Senhora das Dores	09/05/2024	10 e 12 anos	23	Cartolinas, imagens, tintas, colas, tesouras e pincéis
1º Fase - Planejamento				
<b>1º Momento</b>	Reunião de Planejamento - Seleção do lugar de aplicação da atividade de extensão "PENSANDO MEU LUGAR" e filtragem do aporte teórico e gráfico.			

<b>2° Momento</b>	Reunião de Planejamento - Recorte das imagens e das cartolinas utilizadas no projeto extensionista.
<b>2° Fase - Aplicação</b>	
<b>1° Momento</b>	Primeiros contatos com os alunos, breve explicação sobre a geografia, tendo em vista que são crianças do 5° ano e esses não têm aula sobre a disciplina específica. Adaptação e explanação do conteúdo programático sobre o conceito de lugar, território e o planejamento participativo.
<b>2° Momento</b>	Divisão dos alunos em quatro grupos: dois grupos com 5 integrantes e dois grupos com 6 participantes. Com a divisão efetuada uma cartolina, juntamente com quarenta fotografias foram distribuídas para cada grupo, onde cada sujeito deveria escolher duas fotos, sendo uma sobre "problemas do meu lugar" e uma foto que representasse "um desejo para o futuro". Essas fotografias foram coladas na cartolina, e os alunos foram convidados a deixar "sua marca" na atividade de modo a não se identificar e para isso suas mãos foram pintadas e colocadas na cartolina de modo a formar uma figura de uma árvore, e nesse espaço esses alunos estavam livres para se expressar da maneira como desejassem.
<b>3° Momento</b>	Por fim, uma roda foi efetuada como um momento de reflexão e discussão e os alunos foram convidados a explicarem o porquê das escolhas de cada imagem e assim fomos capazes de compreender a realidade cotidiana de cada sujeito, as dificuldades que enfrentam, seus desejos, sonhos e expectativas.
<b>3° Fase – Sistematização</b>	
<b>1° Momento</b>	Discussão e sistematização do material obtido, redação deste artigo.

**Fonte:** Autores (2024).

No que se refere ao material resultante, ele será compreendido a partir de duas perspectivas complementares que tem por fim último auxiliar no processo de compreensão da participação cidadã. Dessa forma, a primeira é voltada à lógica da materialidade, das carências do lugar e de suas possibilidades. A segunda sustenta-se no processo de criação lógica subjetiva dos sujeitos, utilizando-se da fenomenologia da imaginação que, segundo Bachelard (1988), amarra-se nos sentidos dos sujeitos. Imbricando-se aos devaneios poéticos e prosaicos, uma polifonia que emerge no âmago do ser, ebulindo através da tomada de consciência, da realidade em sua volta, da linguagem, da estática, do ser cidadão e consumidor.

### 3 O PLANEJAMENTO TERRITORIAL, O LUGAR E O CIDADÃO

Planejamento territorial é uma tarefa de profunda complexidade, isso porque o território não é um conjunto harmônico, pelo contrário, ele se firma enquanto uso a partir das dinâmicas dos lugares (Souza e Santos, 2005). Nesse contexto, qualquer planejamento que se volte ao território e negue a pluralidade de seus lugares acaba por condenar determinadas parcelas da sociedade e seus espaços à invisibilidade. Portanto, conceber um planejamento territorial é, antes de tudo, olhar para os lugares e para aqueles que o qualificam.

Entretanto, historicamente no Brasil o planejamento ficou a cargo do Estado, de agentes hegemônicos e de parcelas abastadas da sociedade. Nesse contexto, ao criticar a democracia representativa, Souza (2006) adverte que, em grande medida, os representantes não representam a grande massa dos seus eleitores, pelo contrário, tendem a representar interesses particulares. Como consequência, a noção de cidadania é esvaziada tendo em vista que a participação finda no momento em que o voto é computado.

Essa realidade é perpassada pelo planejamento, esse que se torna, por muitas vezes, alvo de racionalidades que recaem sobre os lugares. Logo:

Racional dessa racionalidade sem razão. Haveria uma produtividade espacial. Dentro de um certo tipo de economia hegemônica há espaços que são mais produtivos do que outros, e assim ter-se-ia que medir, ou ao menos considerar, produtividades espaciais diferentes segundo os lugares, o que tornaria possíveis participações diferentes no processo global (Santos, 1999, p. 17).

Essa forma de interpretar e conceber os territórios unicamente enquanto recursos desconsiderando as dinâmicas dos lugares<sup>1</sup> e dos sujeitos tende a enfraquecer tanto a noção de cidadão quanto a de federação. Ao fazer menção a isso, Brandão (2008) afirma que após a Constituição brasileira de 1988, em que houve a transferência de responsabilidades e poderes a estados e, principalmente, a municípios, o cenário não foi de união de forma multiescalar, pelo contrário, há uma tendência à fragmentação o que resulta, por exemplo, em guerras fiscais.

<sup>1</sup> A concepção do lugar retratada arraiga-se pela concepção Miltoniana desenvolvida no capítulo "O lugar e o cotidiano - 1997". Nesse sentido, o lugar é ponto de contradições, campo de imanência e embates cotidianos que emergem das relações local-global, tal processo se massifica pelas nuances fenomenológicas e existencialistas do espaço, conectando as vivências, percepções, desejos e anseios dos homens sobre o seu lugar, que o afeta cotidianamente e é por ele afetado diante das tramas complexas do existir.

Planejamentos territoriais que não compreende os lugares enquanto componentes do território, não são capazes de responder às verdadeiras demandas da sociedade e do espaço. Além disso, tendem a valorizar de forma extremamente desigual eles. Nesse contexto, Santos (2007, p. 107) afirma que “cada homem vale pelo lugar onde está: seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território”.

No primeiro ponto, ao considerar a centralidade dos lugares no processo de planejamento territorial se faz necessário entender que reside nele “a única possibilidade de resistência aos processos perversos do mundo, dada a possibilidade real e efetiva da comunicação, logo da construção política” (Souza e Santos, 2005). Além disso, é importante mencionar que essa só é possível a partir da transformação de consumidor para cidadão do brasileiro conforme afirma Santos (2007).

Em segundo, ao falar sobre validação social cidadã, Brandão (2008) afirma que há necessidade de monitoramento e reavaliação de políticas implementadas, bem como ressalta a importância de ações planejadas, participativas e politizadas. Sendo assim, no processo de planejamento territorial a forma de se aproximar do lugar, visando alcançar parte da realidade do território, deve ser feita de forma participativa e, acima de tudo, valorizando a cidadania.

De forma geral, o que chamamos atenção nessa seção é para a necessidade de se pensar o lugar enquanto campo de possibilidades. Assim sendo, para que haja um planejamento cidadão é necessário que ele seja antecedido por uma pesquisa ou trabalho participativo. Dessa forma, “La investigación participativa propiamente dicha, supone un diseño metodológico que permite el seguimiento y la implicación de la población participante durante todo el proyecto de investigación. Desde los inicios, cuando se plantean los objetivos, hasta las fases finales cuando empiezan a emerger las conclusiones<sup>2</sup>” (Alió, 2013, p. 136).

Por meio da tríade planejamento, lugar e cidadania é possível pensar uma forma de planejar e gerir que vá além do uso do território enquanto recurso. Ademais, um planejamento que se volte para os anseios dos lugares e daqueles que o animam, e assim fortaleça a ideia de cidadão participante não apenas consumidor. Nesse sentido, tomemos como estudo de caso o bairro Nordeste localizado na capital do Rio Grande do Norte.

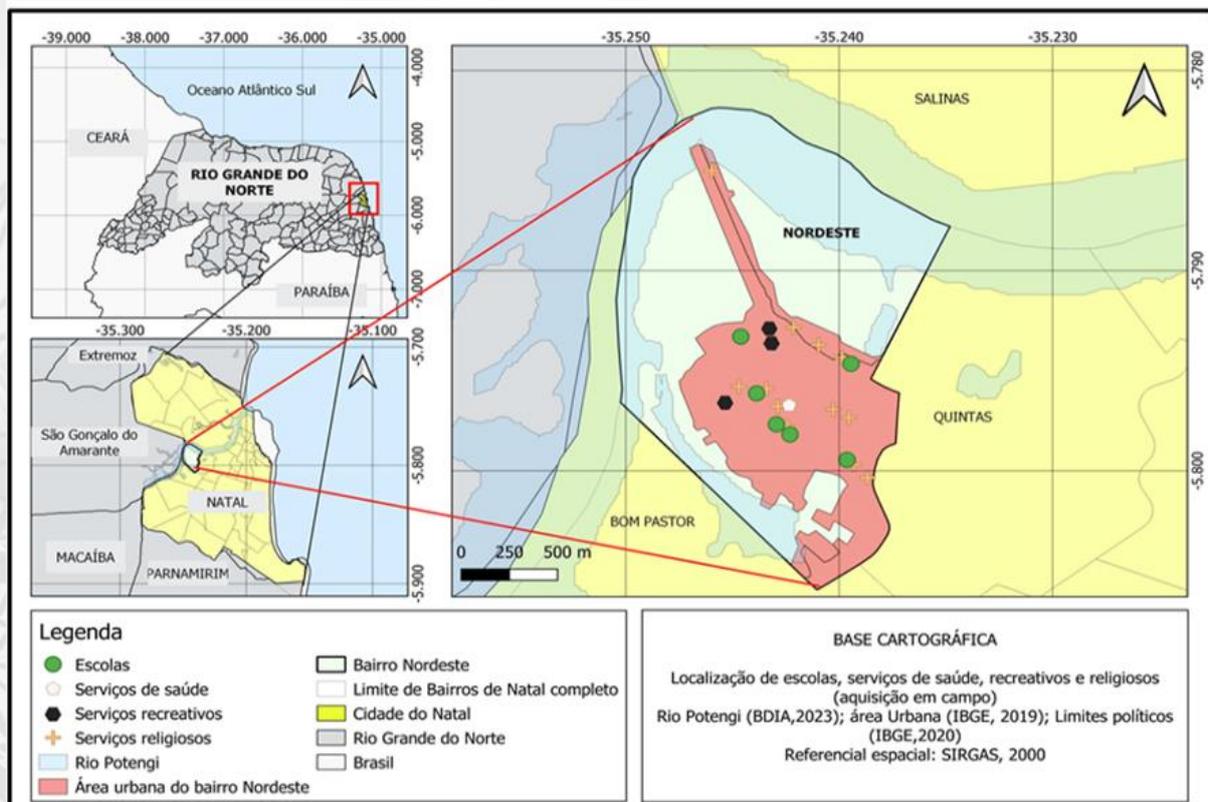
---

<sup>2</sup> A investigação participativa propriamente dita implica uma concepção metodológica que permite o acompanhamento e o envolvimento da população participante ao longo de todo o projeto de investigação. Desde o início, quando são definidos os objetivos, até à fase final, quando começam a surgir as conclusões (Tradução livre)

### 3.1 Um Lugar no Mangue, o caso da Escola Municipal Nossa Senhora das Dores

Conforme salientado anteriormente, o projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Nossa Senhora das Dores, localizada no bairro Nordeste, Zona Administrativa Oeste de Natal. Na figura (Figura 01) a seguir, é possível inferir a existência de seis instituições de ensino, onze templos religiosos, três pontos de recreação e apenas uma unidade básica de saúde.

**Figura 01 – Localização dos serviços oferecidos no bairro Nordeste**

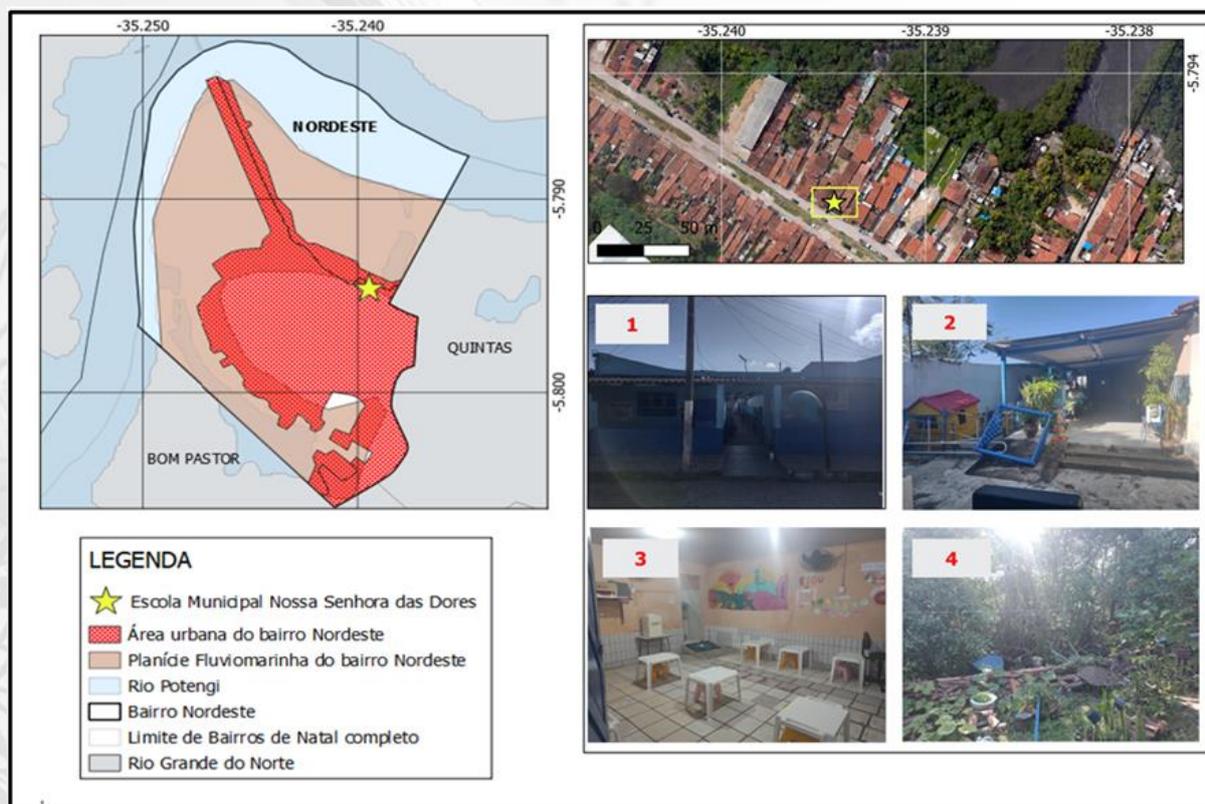


Fonte: Autores (2024)

Entretanto, é importante apontar que esses serviços são aqueles que cobrem o bairro como um todo, ou seja, seguindo os limites definidos pelo município, desconsiderando as particularidades existentes dentro do próprio. Sendo assim, é possível identificar a existência de território de maré-mangue, ou seja, uma porção da superfície terrestre onde há a existência de uma planície fluviomarinha sobreposta por vegetação pioneira, nesse caso o mangue, e onde ocorrem as mais variadas formas de uso e ocupação.

A escola referenciada está localizada nesse território, conforme observado na Figura 02. Outro ponto relevante é que, ao compararmos as figuras 01 e 02, é possível perceber uma carência na oferta de serviços no território de maré-mangue. Sob os argumentos de Santos e Silveira (2021) tal fato pode ser caracterizado como zona de rarefação comparada ao restante do bairro que se enquadraria como uma zona de densidade no que se refere a serviços prestados.

**Figura 02** – Espacialização da Escola Municipal Nossa Senhora das Dores



**Fonte:** Autores (2024)

Ao interpretarmos as imagens contidas na Figura 02, é possível perceber que a escola apresenta uma estrutura física bastante antiga, isso é explicado, em parte, pelo fato da mesma não possuir prédio próprio. Outro ponto relevante é a existência de floresta de mangue nos fundos da escola. De forma geral, os alunos vivem em uma realidade onde o meio ecológico e o humano coexistem de forma dinâmica.

Ademais, no que se refere a informações gerais do bairro, de acordo com a Secretaria Municipal de Meio ambiente e Urbanismo (SEMURB, 2017) o bairro Nordeste possui uma população de 11.792 mil habitantes, sendo a taxa de alfabetização de 88,20% para pessoas com idade igual ou maior que cinco anos. Além disso, conforme observado

no quadro (Quadro 03) em sequência, o bairro conta com oferta de serviços considerados essenciais com uma porcentagem acima de 90% de cobertura.

**Quadro 03** – parte dos serviços do bairro Nordeste

Serviços	Porcentagem de cobertura no bairro
Drenagem	95%
Abastecimento de água	98,26%
Pavimentação	95%
Esgotamento Sanitário	100%
Iluminação pública	99,36%

Fonte: SEMURB (2017).

#### 4 A PARTICIPAÇÃO CIDADÃ: ENTRE PROBLEMAS E DESEJOS

Visando uma aproximação com as nuances daquilo que é percebido pelos sujeitos, tecemos linhas de compreensão e análise tendo como aporte teórico Merleau-Ponty (2015) e Bachelard (1988). De acordo com eles, a fenomenologia da imaginação amarra-se nos sentidos dos sujeitos. Assim, o planejamento participativo ganha tons pluralistas imbricando-se aos devaneios poéticos e prosaicos, uma polifonia que emerge no âmago do ser, ebulindo através da tomada de consciência da realidade em sua volta, da linguagem, da estática, do ser cidadão e consumidor.

Ademais, precisamos refletir sobre as certezas objetivas que dizem respeito ao território e assim buscar reaprender os saberes em posições já cristalizadas buscando as trajetórias vividas e experienciadas pelos sujeitos. Esses que são embebidos de subjetividades intrínsecas a eles. Assim, seguimos Merleau-Ponty (2015, p. 28) para quem “o visível é o que se aprende com os olhos, o sensível é o que se apreende pelos sentidos”. Logo, visamos transcender a objetividade do território, perpassando pelo substrato sensível, pois:

Perceber não é experimentar um sem-número de impressões que trariam consigo recordações capazes de completá-las, é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às

recordações seria possível [...] perceber não é recordar-se (Merleau-Ponty, 2015, p.47).

A percepção acionada no projeto “PENSANDO MEU LUGAR” torna os sujeitos testemunhas vividas de sua realidade. Assim, a consciência, as significações e singularidades que de modo simbiótico passam a construir o território e sua dinâmica fluida a partir da experiência do vivido, ancorada no chão, o substrato material que é cotidianamente habitado por esses sujeitos, como, por exemplo, suas casas, as ruas a caminho do trabalho, da escola, do posto de saúde. Além disso, a falta de iluminação, as privações, a proximidade factual com os vizinhos dentre outras dinâmicas da vivência do sujeito.

Na tentativa de adentrarmos em uma perspectiva pluralista do espaço, utilizamos como público alvo as crianças e pré-adolescentes, pois segundo o Guia de Metodologia Comunitárias Participativas (2006, p. 27):

Los niños /as y adolescentes son actores fundamentales en el proceso de diagnóstico comunitario, ellos y ellas deben participar activamente en la construcción de los mapas, de las líneas del tiempo, los árboles y agendas. Niños/as y adolescentes son quienes mejor conocen el territorio, las historias y los espacios comunitarios<sup>3</sup>.

Tal abertura para um planejamento participativo é fundamental para a construção de uma perspectiva pluralista, interligada aos afetos, às necessidades, medos e desejos. Esses debates suscitam o paradigma da imaginação e assim percebemos a necessidade de acessar a realidade de modo dinâmico, e para tal utilizamos como aporte *a arte*. Essa que se articula ao espaço e embebe-se da realidade que é esgarçada naquele território e suas combinações, que inicialmente parecem “lúdicas”, revelam potência se conectando aos sujeitos e suas vivências de modo poético e, dessa forma, sutilmente potencializam a percepção das problemáticas vivenciadas no lugar.

O processo criativo associado às artes visuais é um eixo de experimentação que possibilita a criatividade e a imaginação. “É incentivá-las a ‘ver’ para além do comum, ou seja, para o incomum, para o que não é acessível ao olhar de todos” (Góes e Lacerda, 2020, p. 130). Tal abertura do olhar torna-se essencial para o planejamento participativo, tendo em vista o misticismo, o desejo, os medos, as privações, os conflitos e as projeções.

---

<sup>3</sup> Crianças e adolescentes são atores fundamentais no processo de diagnóstico comunitário, devendo participar ativamente da construção de mapas, cronogramas, árvores e agendas. São as crianças e os adolescentes que melhor conhecem o território, as histórias e os espaços comunitários.

Esses afetos se mistificam e passam a contar-nos uma narrativa sobre o mundo daqueles sujeitos. Figuras, cortes e colagens, que individualmente não significam nada, passam a ser organizados por uma intencionalidade e mobilizados para conceber uma realidade crivada de subjetividade.

Também devemos ter cuidado com as armadilhas que podem se esconder diante de tal processo, pois: “Cuando una persona vive inmersa en una situación nociva sin conocer otra diferente, la asume como una condición natural (sin importar su nocividad)<sup>4</sup>” (Soliz e Maldonado, 2006, p. 27). Dessa forma:

A consciência não está menos intimamente ligada aos objetos em relação aos quais ela se distrai do que ligada aos objetos em relação aos quais ela se distrai do que àqueles aos quais ela se volta, **e o excedente de clareza do ato de atenção não inaugura nenhuma relação nova**. Ela volta a ser então uma luz que não se diversifica com os objetos que ilumina, e mais uma vez se substituem (Merleau-Ponty, 2015, p. 55, Grifo nosso).

A tomada de consciência sobre a realidade vivida é um desvelador da mesma, pois algo que parecia “comum” passa a ser valorado de formas distintas. Somos lançados a novas formas de significações do mundo, que se modificam de acordo com a experiência do sujeito no mundo em seu contato factual. Portanto, procurando acessar tal pluralidade em Natal, em específico no bairro Nordeste, a oficina de planejamento participativo “PENSANDO MEU LUGAR” foi fomentada na Escola Municipal Nossa Senhora das Dores.

#### 4.1 Participação cidadã - Práxis do Projeto “PENSANDO MEU LUGAR”

O planejamento territorial participativo é uma forma única de acepção para apreensão da realidade socioespacial do lugar. Esse é um instrumento que objetiva a participação cidadã na tomada de decisões quanto às especificidades do seu território. No hodierno, a sociedade civil passa a tomar consciência sobre as especificidades dos seus lugares e assim dos seus direitos e deveres como cidadão.

Os desafios de pensar um projeto de planejamento participativo são diversos, tendo em vista que as problemáticas do presente são uma temática tangível que tem como referente um futuro, que para os sujeitos afetados parece “utópico”. Assim, procurando compreender parte desse paradigma efetuamos o projeto “PENSANDO MEU LUGAR” na Escola Municipal Nossa Senhora das Dores. Esse que foi subdividido em três momentos,

---

<sup>4</sup> Quando uma pessoa vive imersa numa situação nociva sem conhecer uma situação diferente, assume-a como uma condição natural (independentemente da sua nocividade)”.

essa compartimentação teve como objetivo a explicação, o desenvolvimento e apreensão de parte da realidade vivida pelos sujeitos.

#### **4.1.1 - Primeiro Momento – Uma aproximação com a Geografia**

A aproximação com o público alvo é um dos primeiros momentos e um dos mais importantes para o resultado satisfatório do projeto de planejamento. No primeiro contato com o público alvo, jovens entre 10 e 12 anos, foi necessário criar uma conexão os fazendo se sentir seguros para falar sobre sua realidade, abrir suas reflexões, para falarem e serem escutados.

Buscando alçar o processo de participação coletiva inicialmente foi efetuada uma breve apresentação dos ministrantes do projeto “PENSANDO MEU LUGAR”. Ademais, vale ressaltar que um dos responsáveis por conduzir o projeto tem laços com esse lugar, sendo essa a escola a qual estudou do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, e ao escutarem essa narrativa, os jovens sentiram-se, de certo modo, conectados, uma abertura foi efetuada e as narrativas sobre o cotidiano fluíram com mais facilidade. Estavam falando sobre as problemáticas do seu território para alguém que já sentirá na pele a mesma dor a qual lhes afligia.

Os jovens que participaram do projeto estão no 5º ano do ensino fundamental, logo, seu contato com a Geografia e seus conceitos é quase que incipiente. Isso considerado, foi necessário efetuar uma retomada sobre o que é Geografia e o conceito de lugar, que até então era desconhecido, tendo em vista sua faixa etária e o conteúdo programático ministrado em seu cotidiano escolar que culmina em não ser verticalizado na matéria específica. Tal retomada é essencial para apreensão do panorama vivido e experienciado pelo sujeito no seu lugar.

#### **4.1.2 - Segundo Momento – Os saberes-fazerem a aplicação de metodologia participativa**

Nesse momento, os 23 jovens foram divididos em quatro grupos e o andamento do projeto foi explicado:

Cada grupo recebeu um cartaz matriz intitulado como: “PENSANDO MEU LUGAR”. Esse foi subdividido em dois, o lado esquerdo está marcado com dois títulos “Problemas do meu lugar” e “Desejo para o Futuro”, o lado direito estava em branco. Foram distribuídas 40 imagens por grupos, que representavam possíveis problemáticas e afetos que poderiam

ocorrer naquele território. Dessa forma, caberia a cada sujeito selecionar duas imagens correspondentes ao problema do lugar e um desejo para o futuro.

Explicada à dinâmica, os grupos iniciaram a filtragem das imagens. Nesse momento, muitos comentários sobre sua realidade eram proferidos, como:

*“Eu vou pegar uma casa pequena, eu queria uma casa maior, com um quarto meu!”*

*“A rua que a gente passa para chegar aqui na escola é assim (sem asfalto)”*

Quando a seleção e colagem das imagens foram concluídas, iniciamos a próxima etapa onde uma árvore “do vivido” foi produzida pelo contorno das mãos pintadas de cada integrante do grupo. Nesse momento os indivíduos puderam expressar anseios e desejos sobre seu lugar através de palavras e desenhos que compuseram o cartaz. Essa dinâmica serviu como um marcador, uma assinatura de cada grupo, tendo em vista que os cartazes foram produzidos de modo anônimo (Figuras 03 e 04).

**Figura 03** – Aberturas de mundo: uma visão horizontal do meu lugar



**Fonte:** Autores (2024).

**Figura 04 – Aberturas de mundo: A assinatura do meu viver**

**Fonte:** Autores (2024).

Como resultado desse momento obtivemos quatro cartazes (Figura 05) que nos contam, em suas entrelinhas, sobre a compreensão e o mundo vivido daqueles sujeitos, suas experiências e particularidades que sistematicamente embebem seu cotidiano e muitas vezes passam despercebidas devido a imersão sistemática que reflete nas ações e materialidades. Logo, situações que pareciam “normais” como uma casa pequena com apenas um cômodo para uma família passa a ser questionada, haja vista que direito à moradia digna é garantida pela constituição Cidadã de 1988, Art. 6º:

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Brasil, 1988, p. 18).

Dessa maneira, podemos afirmar que emerge da força do planejamento participativo as vozes daqueles que cotidianamente são silenciados e estão precariamente incluídos na

dinâmica de produção e reestruturação territorial. O resultado da oficina pode ser observado nas Figuras 05, 06, 07 e 08.

**Figura 05** – Produtos do projeto “PENSANDO MEU LUGAR” – GRUPO 01



Fonte: Autores (2024).

**Figura 06** – Produtos do projeto “PENSANDO MEU LUGAR” – GRUPO 02



Fonte: Autores (2024).

**Figura 07** – Produtos do projeto “PENSANDO MEU LUGAR” – GRUPO 03



Fonte: Autores (2024).

**Figura 08** – Produtos do projeto “PENSANDO MEU LUGAR” – GRUPO 03



Fonte: Autores (2024).

#### 4.1.3 - Terceiro Momento – A verticalização de uma visão de mundo: A abertura dos territórios vividos

A última etapa consistiu na explicação das afetações evidenciadas nos cartazes. Organizamos um círculo para que todos pudessem falar e serem escutados.

##### **Grupo I - Cartaz Amarelo**

No tópico problemas do meu lugar, é possível observar problemas como:

RUA COM BURACOS, RUA SEM CALÇAMENTO, LIXO NA RUA, ESGOTO A CÉU ABERTO, LIXO NO MANGUE, POSTES SEM FUNCIONAR e SALA DE AULAS COM CARTEIRAS QUEBRADAS.

No tópico um desejo para o Futuro, é possível observar desejos como:

ESCOLA COM BIBLIOTECA, RUA COM CALÇAMENTO, SALA COM AR-CONDICIONADO, ESCOLA, ILUMINAÇÃO PÚBLICA e IGREJA.

### **Grupo II - Cartaz Branco**

No tópico problemas do meu lugar, é possível observar problemas como:

RUA COM BURACOS, CASA PEQUENA, CORTE DE ÁRVORES, LINHA FÉRREA e LIXO NO MANGUE E LIXO NA RUA.

No tópico um desejo para o Futuro, é possível observar desejos como:

SALA COM AR-CONDICIONADO, QUADRILHAS JUNINAS, ACADEMIA PÚBLICA, RUA COM CALÇAMENTO, ESCOLAS e ALIMENTAÇÃO.

### **Grupo III - Cartaz Azul**

No tópico problemas do meu lugar, é possível observar problemas como:

TREM, LIXO NO MANGUE, RUA SEM CALÇAMENTO, ESCOLA, LINHA FÉRREA e SALA DE AULA COM CARTEIRAS QUEBRADAS.

No tópico um desejo para o Futuro, é possível observar desejos como:

SALA DE AULA COM AR-CONDICIONADO, QUADRA DE FUTEBOL DE AREIA, RUA COM CALÇAMENTO, ACADEMIA PÚBLICA, PADARIA, MERCADO,

### **Grupo IV - Rosa rosa**

No tópico problemas do meu lugar, é possível observar problemas como:

ACESSO A INTERNET, CASA PEQUENA, ESGOTO A CÉU ABERTO, POSTE SEM FUNCIONAR, LIXO NO MANGUE e SALA DE AULA COM AR-CONDICIONADO.

No tópico um desejo para o Futuro, é possível observar desejos como:

RUA COM CALÇAMENTO, QUADRA DE FUTEBOL DE AREIA, PRAÇA PÚBLICA, SALA COM VENTILADOR, SALÃO DE BELEZA e RESTAURANTE.

A discussão foi conduzida de modo que eles explicassem o porquê da escolha de cada tópico. Vale ressaltar que alguns pontos foram amplamente repetidos como RUA SEM CALÇAMENTO, LIXO NO MANGUE, ESGOTO A CÉU ABERTO. Como a exemplo, os buracos nas ruas e as ruas sem calçamento são problemas do cotidiano e se intensificam com as chuvas que os deixam ser tem como transitar. O lixo na rua e no mangue são problemas sérios e amplamente citados. De modo a amplificar e potencializar os relatos do projeto, selecionamos duas narrativas explicitando o porquê das escolhas das imagens:

## Narrativa I - A escola como um problema

O desenvolvimento dos relatos estava sendo até então sem grandes surpresas, quando enfim chegamos ao grupo III (Cartaz azul). Os indivíduos que fizeram o cartaz estavam um pouco tímidos para falar, mas logo após o primeiro relato tal situação foi contornada. As narrativas sobre as fotografias continuam até que chegamos no último integrante que afirma:

**Indivíduo do lugar:** O meu problema do seu lugar é a escola!

Tal resposta nos toma como um choque estaria aquele sujeito tentando tirar uma brincadeira? O que se esconde por trás de sua indagação? Os outros começam a falar e questionar e no ambiente se instala um prelúdio de caos. Tentando compreender a afirmação e acalmar o ambiente, questiono:

**Condutor I:** Mas porque a escola é um problema do seu lugar?

**Indivíduo do lugar:** Só olhar para ela professora! Cheia de bicho na parede, toda caindo ela é feia!

Com tal afirmação o caos se instaura no lugar! Muitas vozes, opiniões, discordância e concordância.

**Condutor I:** Calma gente! Deixe ele falar!

**Condutor II:** Vamos lá você tá dizendo que a escola é feia! Isso quer dizer que ele sabe o que é belo! E a escola não se encaixa nisso!

**Condutor I:** Se ele sabe o que é belo, e a escola de vocês não se encaixa nesse padrão. Há alguma coisa de errado? Porque a escola é diferente das outras? Você quer uma escola “bela como as outras é isso”

**Indivíduo do lugar:** (Silêncio... seus olhos parecem examinar o lugar. E ele concluiu isso mesmo!) Eu quero uma escola melhor que não esteja caindo.

## Narrativa II - Eu sou crente! Eu quero uma igreja no meu bairro!

O primeiro Grupo (Cartaz Amarelo) inicia a discussão, eles estão um pouco tímidos para falar, e é necessário a intervenção do condutor o questionando, o porquê das escolhas e como chegou a esse filtro, até que:

**Indivíduo do lugar:** Um desejo para o futuro é uma igreja aqui no bairro! Perto de casa!

(Risadas dos demais... e um pouco de cochicho).

**Indivíduo do lugar:** Vocês tão rindo de que? Eu sou crente!

**Condutor:** Gente, porque as risadas? As igrejas são muito importantes nos territórios para as pessoas e também como forma de ajudar a população. Vocês nunca viram a distribuição de cestas básicas para pessoas carentes? Ou fornecendo assistência?

(Silêncio... Os rostos deles parecem uma incógnita, em devaneio de pensamento. Até que o silêncio é rompido).

**Indivíduo do lugar:** Tá vendo! Por isso eu sou crente!

Com essas narrativas é possível observar a pluralidade das temáticas e debates que uma oficina participativa tem o poder de gear, formas de (re)pensar as atitudes e práticas espaciais que até então eram tidas como comuns. Um exemplo latente de tal contexto foram as expressões e impressões que podem aqui ser entendidas como grafias de arte, no lado direito do cartaz onde a “árvore do vivido” expressa pedidos como “PAZ E AMOR”, “EU QUERO PAZ”, “QUEREMOS COISAS MELHORES”, “AMOR PAZ E SAÚDE”, “FESTAS”, “ESTUDOS”, “ESPERANÇA”.

Todos esses pedidos interligam a realidade vivida nesse território, haja vista os conflitos entre facções que estão ocorrendo diariamente nesse lugar. Os sujeitos são afetados diretamente tendo em vista que a escola onde o projeto foi realizado perdeu 34 alunos para a violência e guerra entre facções nos últimos anos. Vale destacar o quadro singular dessa escola que se encontra dentro da planície de maré, aos fundos da escola é possível observar o mangue, seu miasma, suas plantas, que tem uma característica única com as raízes elevadas e distorcidas banhadas pelo Rio Potengi.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento participativo se mostra como uma potente forma de adentrar na dinâmica do território, ao passo que desvela suas problemáticas, ausências, presenças e insuficiências no tocante aos seus recursos e serviços. Um olhar horizontalizado sobre o planejamento favorece aos atores sociais e as suas vozes sobre o cotidiano que vivenciam esse processo é de suma importância para assegurar a apreensão da realidade vivida pelo sujeito que, em muitos casos, é divergente da pré-concebida pelos planejadores.

Nesse sentido, o projeto “PENSANDO MEU LUGAR” traz em seu cerne a inclusão e abertura do olhar do sujeito sobre seu lugar, sua realidade, possibilitando voz para aqueles que cotidianamente são silenciados. Os jovens, nesse caso em especial, analisaram e debateram especificidades sobre seu lugar e as demandas que surgem no

dia-dia citando problemas como: a passagem do trem próximo de suas casas e/ou a falta de infraestrutura de sua escola.

O projeto serviu como uma experimentação ensaísta, de modo a aferir as potencialidades do escutar. Incentivamos que esses sujeitos nos narrassem suas demandas, para assim acessarmos as problemáticas do território partindo do olhar de quem vive e é afetado por elas cotidianamente. Assim, o planejar para e com o cidadão ganha um novo sentido, partindo das demandas cotidianas e não verticalizadas por atores que nunca pisaram em um território e acreditam saber sanar todos os problemas.

Portanto, o planejamento participativo é uma forma e estratégia de ampliação e democratização das políticas públicas, tendo em vista a descentralização de poderes e saberes, abrindo caminhos ao permitir o diálogo entre os planejadores e a sociedade civil. Assim, ocorre um aprofundamento sobre as reflexões do/no lugar e suas demandas específicas que são conhecidas com a participação ativa da sociedade civil, o que culmina por fortalecer ações e projetos que nascem dessa simbiose.

## REFERÊNCIAS

ALIÓ, M. À. Experiencias de investigación participativa socioambiental en Catalunya. **Mercator**, Ceará, p. 133-154, 2013.

ANDRADE, I. P. "**filhos da lama e irmãos de leite dos caranguejos**": as relações humanas com o manguezal no Recife. Orientador: Christine Paulette Yves Rufino Dabat. 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38002>. Acesso em: 17 nov. 2022.

BRANDÃO, C. Pactos em territórios: escalas de abordagem e ações pelo desenvolvimento. **OeS**, [s. l.], v. 15, n. 45, p. 145-157, 2008.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRASIL, [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

GÓES, M. S.; LACERDA, F. Processos Criativos: recorte e colagem como vetores de experiência para a elaboração de novas paisagens. **Revista Nupeart**, p. 128-149, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/17445/12568>. Acesso em: 31 maio 2024.

LASCOUMES, P.; GALÈS, P. **Sociologia da ação pública**. 1. ed. Alagoas: EDUFAL, 2012. 244 p.

LOMBARDI, L. M. S. S.; TORRES, J. C. de S. A arte da colagem na formação docente e na cena pedagógica com crianças. **Ensino e pesquisa**, v. 21, n. 1, 2023.

SANTOS, M. O lugar e o valor do indivíduo. In. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007. p. 101-120.

SANTOS, M. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, ed. 2, p. 15-26, 1999.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. As diferenciações no território. In: \_\_. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021. cap. 12, p. 269-288.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de. O retorno do território. **Debates**, p. 251-261, 2005.

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO (Natal).

01/08/2017. **Conheça melhor seu bairro, Natal, 2017**. Disponível em:

<https://planodiretor.natal.rn.gov.br/anexos/estudos/CONHE%C3%87A%20MELHOR%20EU%20BAIRRO%20-%20ZONA%20OESTE.pdf>. Acesso em: 6 maio 2024.

SOLIZ, F.; MALDONADO, A. **Guia de metodologías comunitarias e participativas**. Espanha: Agencia Española de Cooperación Internacional al Desarrollo, 2006. 54 p.

SOARES, D. A. **Territórios de maré-mangue: formas de uso e ocupação da contrarracionalidade socioespacial em Natal-RN**. Orientador: Francisco Fransualdo de Azevedo. 2023. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SOUZA, M. L. de. **A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 632 p.

SOUZA, M. L. de; RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: Unesp, 2004. 136 p.

SILVA, E. D. **Práticas cotidianas: a invenção do bairro de Cidade Nova, Natal - RN**. Orientadora: Dra. Eugênia Maria Dantas. 2024. 124f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 202.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** / Maurice Merleau-Ponty; [Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2015.

\*\*\*